



Centro Universitário Faminas Belo Horizonte

Curso de Psicologia

LEISIANE SULAMITA FONCÊCA DE SOUZA

TATIANE DE JESUS ALMEIDA

**ENTRE O CUIDAR E O PERDER: OS IMPACTOS EMOCIONAIS DA
EXPERIÊNCIA DE FINITUDE EM CUIDADORES SOB A PERSPECTIVA
FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL**

**Belo Horizonte
2026**

LEISIANE SULAMITA FONCÊCA DE SOUZA

TATIANE DE JESUS ALMEIDA

**ENTRE O CUIDAR E O PERDER: OS IMPACTOS EMOCIONAIS DA
EXPERIÊNCIA DE FINITUDE EM CUIDADORES SOB A PERSPECTIVA
FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para grau de bacharel
em Psicologia do Centro Universitário
Faminas Belo Horizonte – FAMINAS BH.

Orientador: Prof. Me. Luiz Felipe Viana
Cardoso.

**Belo Horizonte
2026**

SOUZA, Leisiane Sulamita Foncêca De

Entre o cuidar e o perder: Os impactos emocionais da experiência de finitude em cuidadores sob a perspectiva fenomenológico-existencial / Leisiane Sulamita Foncêca De Souza; Tatiane de Jesus Almeida; Luiz Felipe Viana Cardoso (orient.). - Belo Horizonte, MG, 2026.
29p.

Orientador: Prof. Me. Luiz Felipe Viana Cardoso.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário FAMINAS, 2026.

1. Cuidado; Finitude; Cuidados paliativos; Fenomenologia existencial; Cuidadores.. I. CARDOSO, Luiz Felipe Viana , Prof. Me., orient. II. Título.

Catálogo da Publicação

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica do Centro Universitário FAMINAS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a). Bibliotecária Cristina de Souza Maia CRB6- 2294

LEISIANE SULAMITA FONCÊCA DE SOUZA

TATIANE DE JESUS ALMEIDA

**ENTRE O CUIDAR E O PERDER: OS IMPACTOS EMOCIONAIS DA
EXPERIÊNCIA DE FINITUDE EM CUIDADORES SOB A PERSPECTIVA
FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para grau de bacharel
em Psicologia do Centro Universitário
Faminas Belo Horizonte – FAMINAS BH.

Orientador: Prof. Me. Luiz Felipe Viana
Cardoso.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Ma. Henriqueta Regina Pereira Couto

Prof. Pós-Dra. Luciana Gaudio Martins Frontzek

Prof. Me. Luiz Felipe Viana Cardoso

Belo Horizonte, 22 de junho de 2026

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a uma mulher guerreira que com certeza faria demasiadamente de tudo para que a sua filha se formasse e fosse além através de suas lutas diárias, a senhora não está mais aqui mamãe, mas no decorrer dessas escritas sua presença era constante, então pude ressignificar grande parte do meu luto, mas minha saudade sempre será eterna, meu amor incondicional. Eu lutei, luto e este será apenas o início de uma linda e longa caminhada que irei percorrer, a você mãe, Hélia (em minha memória e meu coração). Tatiane Almeida

Pensar em luto, é pensar em memórias, lembranças, e em afetos que estarão para sempre na gente. Existe uma pessoa que é muito querida e especial para mim, hoje não está fisicamente, mas em meu coração permanece viva em todos os dias da minha vida! Essa pessoa incrível, que me mostrou o quanto viver era extraordinário, me ensinou a caminhar e a romper com os limites, sempre me apoiou. Meus melhores momentos foram em sua casa, lá no interior, onde eu podia de fato ser criança, eu me sentia amada e cuidada. Minha vó querida, que foi mais que uma avó, foi uma mãe para mim, meu maior sonho era que você me visse formar, mas infelizmente no meio da graduação eu te perdi, hoje a dor virou saudade; eu te vejo em tudo! Sua neta vai formar avó, e a senhora sempre fará parte de mim, enquanto eu existir, você nunca será esquecida, obrigada por tanto e por tudo, irei amar você por toda minha existência! Para Maria Ribeiro - Minha vó Fiinha. Leisiane Souza

A VIDA E SUAS POSSIBILIDADES

Uma vida vivível, é aquela que amamos e sofremos ao mesmo tempo,
Que colecionamos alegrias, tristezas, memórias e sentimentos.

O sofrimento da finitude, das infinitas possibilidades ao longo da vida,
Que com o passar do tempo se tornam finitas na despedida.

Do relógio do tempo que não para e que passa rápido demais,
Das horas lindas vividas e amadas, que não voltaram nunca mais.

O peso de querer viver todos os dias e perceber que a vida tem prazo de validade,
O que seria então, viver de verdade?

Pensar na finitude é angustiante, afinal qual a hora certa de morrer?
Perguntas sem respostas, perguntas que nos fazem sofrer.
É difícil pensar nessa tal realidade, a de morrer.

Viver essa experiência única, autêntica e singular,
Todo Dasein, sem dúvida, vai experienciar.

E quem reconhece essa possibilidade,
São aqueles que talvez, vivam de verdade.
Uma vida vivível, é marcada pelas facticidades,
Só quem reconhece a morte, sabe aproveitar a liberdade:
Afinal a existência e a finitude são possibilidades!

Talvez morrer não seja tão assustador, quanto parece ser,
Assustador é ter vida, porém, sem viver.

A vida é isso: vir - a - ser, é ser no mundo, é estar em situação.
Dito isto, a vida verdadeira, é aquela que aceita o que se torna consciente: a consciência
intencional.

Ainda que seja para a existência, há possibilidade final!

SUMÁRIO

Resumo.....	5
1 Introdução	6
2 Métodos e procedimentos	8
3 O ser e o finar-se: O cuidado como possibilidade de Existência.....	9
4 Compreensão fenomenológica do cuidar: O cuidado como modo de ser.....	11
5 Sentidos e ressignificações da experiência do cuidador no horizonte da finitude.....	13
6 Cuidar até o fim: A experiência vivida do cuidado e da perda em “As Três Filhas”.....	15
7 Entre o tempo e o cuidado : Uma análise do documentário “O Tempo do Cuidar – Um filme sobre Cuidados Paliativos”.....	19
8 Quem Cuida de Quem Cuida? Contribuições da Psicologia Fenomenológico Existencial para a experiência do Cuidado.....	23
9 Considerações finais.....	24
Referências.....	25

**ENTRE O CUIDAR E O PERDER: OS IMPACTOS EMOCIONAIS DA
EXPERIÊNCIA DE FINITUDE EM CUIDADORES SOB A PERSPECTIVA
FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL**

**BETWEEN CARING AND LOSING: THE EMOTIONAL IMPACTS OF EXPERIENCING
FINITUDE ON CAREGIVERS FROM A PHENOMENOLOGICAL-EXISTENTIAL
PERSPECTIVE.**

Leisiane Sulamita Foncêca De Souza ¹

Tatiane de Jesus Almeida²

Luiz Felipe Viana Cardoso³

Resumo

Este estudo analisa o impacto emocional da finitude na vida dos cuidadores a partir de uma perspectiva fenomenológico-existencial. O objetivo é compreender como o contato com a doença, a terminalidade e a morte afetam a experiência emocional e existencial daqueles que cuidam dos outros. Foi realizada uma pesquisa qualitativa e fenomenológica sobre o filme "As Três Filhas" e o documentário "O Tempo do Cuidar - Um Filme sobre Cuidados Paliativos". Os resultados indicaram que lidar com a finitude provoca emoções intensas, como medo, tristeza, culpa, angústia, sobrecarga e dor emocional. No entanto, essa vivência também tem o poder de fortalecer e honrar os vínculos, atribuindo novos significados à nossa existência e possibilitando a construção de relações mais autênticas. Cuidar vai além de um simples procedimento técnico, trata-se de uma experiência existencial fundamental, onde a consciência da finitude constata sentido à vida, ao ato de cuidar e às conexões humanas.

Palavras-chave: Cuidado; Finitude; Cuidados paliativos; Fenomenologia existencial; Cuidadores.

Abstract

¹ Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Faminas Belo Horizonte

² Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Faminas Belo Horizonte

³ Professor Orientador do curso de Psicologia do Centro Universitário Faminas Belo Horizonte. E-mail: luiz.cardoso@professor.faminas.edu.br

This study analyzes the emotional impact of finitude on the lives of caregivers from a phenomenological-existential perspective. The objective is to understand how contact with illness, terminality, and death affect the emotional and existential experience of those who care for others. A qualitative and phenomenological study was conducted on the film *"The Three Daughters"* and the documentary *"The Time to Care - A Film about Palliative Care"*. The results indicated that dealing with finitude provokes intense emotions, such as fear, sadness, guilt, anguish, overload, and emotional pain. However, this experience also has the power to strengthen and honor bonds, attributing new meanings to our existence and enabling the construction of more authentic relationships. Caring goes beyond a simple technical procedure, it is a fundamental existential experience, where the awareness of finitude gives meaning to life, to the act of caring, and to human connections.

Keywords: Care; Finitude; Palliative care; Existential phenomenology; Caregivers.

1 Introdução

A finitude constitui-se como uma condição inerente à existência humana, caracterizada pela limitação da vida e pela inevitabilidade da morte. Conforme destaca Barros (2024), o reconhecimento de que a vida é finita influencia a forma como os indivíduos compreendem suas experiências e organizam suas relações. Ainda que a morte esteja diretamente relacionada à finitude, trata-se de conceitos distintos, uma vez que a morte representa o término da vida biológica, enquanto a finitude refere-se à condição existencial que caracteriza a temporalidade da vida humana.

Refletir sobre a finitude possibilita compreender de maneira mais profunda as experiências vivenciadas pelos cuidadores, especialmente diante da proximidade da perda e do sofrimento emocional associado ao processo de cuidar. Assim, o cuidado assume uma dimensão existencial que envolve presença, escuta, empatia e reconhecimento da vulnerabilidade humana.

Os dados do último Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022 evidenciam um crescimento significativo da população idosa no Brasil nas últimas décadas. Em 2010, o número de pessoas com mais de 65 anos correspondia a 14.081.477, enquanto em 2022 esse contingente passou para 22.169.101 indivíduos. Esse aumento expressivo reflete diretamente na ampliação das demandas por cuidado e nas diferentes modalidades de assistência destinadas à população idosa no país (IBGE, 2022).

Nesse cenário, o cuidado com a pessoa idosa deve ser compreendido como uma responsabilidade coletiva que envolve a família, a sociedade e o Estado. De acordo com o Manual da Pessoa Idosa, esse cuidado deve estar fundamentado no respeito à dignidade, aos direitos humanos e na promoção da qualidade de vida na velhice (Brasil, 2008). O envelhecimento é entendido como um processo natural do ciclo da vida, tornando essencial a oferta de atenção adequada para garantir o bem-estar físico, emocional e social das pessoas idosas.

O cuidador assume, portanto, um papel fundamental, uma vez que participa diretamente do cotidiano do idoso, oferecendo suporte e acompanhamento contínuo. Entretanto, o exercício do cuidado exige disponibilidade, atenção e dedicação constantes, podendo gerar diferentes repercussões na vida de quem assume essa responsabilidade. A sobrecarga física e emocional, alterações na rotina pessoal e profissional, além de sentimentos como estresse, ansiedade e exaustão, são experiências frequentemente relatadas por cuidadores.

A quantidade de trabalho necessário para cuidar de uma pessoa idosa, a pressão psicológica e o esforço despendido para atender a todos esses problemas cotidianos é comum a todos os cuidadores. Por esse motivo, quem cuida de familiares idosos pode sofrer de problemas de saúde, psicológicos, (sentimentos de mal estar, depressão, sensação de sobrecarga) e sociais (relações familiares tensas, problemas profissionais) (Brasil, 2008).

Diante dessa realidade, torna-se relevante compreender as implicações emocionais e existenciais relacionadas ao cuidado, especialmente no âmbito familiar, em que muitos indivíduos assumem a responsabilidade de acompanhar pessoas em situação de adoecimento ou fragilidade. Nesse contexto, a experiência do cuidar frequentemente se entrelaça com a vivência da finitude, uma vez que o cuidador se depara com a fragilidade da vida e com a possibilidade da perda.

Este estudo teve como objetivo compreender, a partir de uma perspectiva fenomenológica existencial, o impacto emocional da finitude nos cuidadores através da experiência da morte, analisando como o contato com a terminalidade e com o processo de morrer repercute em sua dimensão emocional, bem como de que maneira essa experiência influencia os significados atribuídos ao cuidado e à própria vivência da finitude.

Para alcançar esse objetivo, o artigo foi organizado em etapas. Inicialmente, apresenta-se o percurso metodológico que orientou a pesquisa. Em seguida, discute-se a experiência do cuidado diante da finitude, destacando os impactos emocionais vivenciados

pelos cuidadores. Posteriormente, são analisados o filme “As Três Filhas” e o documentário “O Tempo do Cuidar – Um Filme sobre Cuidados Paliativos”, com o propósito de ampliar a compreensão das vivências relacionadas ao cuidado e à finitude. Finalmente, discutimos as contribuições da fenomenologia existencial para a compreensão do significado do cuidado, seguidas das considerações finais do estudo.

2 Métodos e procedimentos

Este artigo está centrado em uma pesquisa qualitativa, fenomenológica e descritiva, a qual foi utilizada para a descoberta de percepções e entendimentos de um grupo específico, estando focada no levantamento de dados para compreensão e análise, recolhendo materiais para interpretação, sem necessidade de apresentação de dados numéricos. Como pesquisa qualitativa, este trabalho constitui-se na busca aprofundada dos fenômenos, explorando as experiências subjetivas em vez de priorizar o enfoque numérico.

Sob a perspectiva do método fenomenológico, a origem da palavra fenômeno está ligada ao surgimento do que se revela, referindo-se àquilo que se manifesta. Assim, um estudo fundamentado no método fenomenológico busca investigar a experiência humana por meio de uma descrição minuciosa, com o objetivo de esclarecer e compreender o que surge como fenômeno. De acordo com Mauro Martins AmatuZZi (1996), a pesquisa fenomenológica apoia-se no vivido e em seus significados, considerando que os signos são vistos como símbolos que apontam para os significados, mesmo que nem sempre consigam manifestá-los plenamente, podendo, contudo, serem acessados pela experiência subjetiva. Dessa forma, a análise fenomenológica não se limita à descrição dos fatos, mas busca alcançar o sentido profundo das experiências humanas.

O recorte temporal delimitado de 5 (cinco) anos (2021–2026) justificou-se pela necessidade de mapear discussões contemporâneas, considerando o avanço dos debates atuais sobre a temática. Foram selecionadas fontes primárias, como artigos, teses e dissertações, e fontes secundárias, como livros e capítulos. A busca bibliográfica foi realizada nas bases de dados SciELO, PePSIC e Google Acadêmico, utilizando-se os descritores “finitude”, “cuidadores”, “fenomenologia” e “experiência”, combinados entre si e pesquisados em língua portuguesa. Ao todo, foram identificados 341 estudos, os quais foram submetidos aos critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos, sendo selecionados 19 estudos considerados pertinentes aos objetivos desta pesquisa.

Como critérios de inclusão, foram selecionados artigos em língua portuguesa que tratem da realidade nacional e que estejam dentro do período estabelecido (2021–2026). Como critérios de exclusão, foram desconsiderados materiais que não possuam texto completo disponível, que não abordem diretamente o tema proposto ou que tratem exclusivamente de áreas distintas da Psicologia, da abordagem fenomenológico-existencial e do tema escolhido.

Além da pesquisa bibliográfica, foi também realizada a análise fenomenológica do filme "As três filhas" (2023) e do documentário "O tempo do cuidar - Um filme sobre cuidados paliativos", que apresenta diferentes histórias de pessoas que estão vivenciando o processo de finitude. Os enredos evidenciam que o cuidar vai além do ato técnico de cuidado, envolvendo o reconhecimento da vulnerabilidade e da finitude do ser, bem como da própria existência humana. A análise desses materiais audiovisuais contribuiu para ampliar a compreensão fenomenológico-existencial das vivências subjetivas associadas à finitude, possibilitando articular as dimensões existenciais do sofrimento, da finitude e da busca por sentido e bem estar diante do cuidado com o outro, ainda que essa possibilidade esteja relacionada à condição de ser-para-a-morte.

3 O ser e o finir-se: O cuidado como possibilidade de Existência

Ainda que faça parte do ciclo natural da vida, discutir a finitude humana sempre se mostrou desafiador. Questões existenciais, como a temporalidade da vida, são vistas como inseparáveis do processo de morte e do morrer, resultando em um tema frequentemente evitado na sociedade contemporânea. Conforme Ana Cláudia Quintana, o luto é interpretado como uma resposta natural à experiência de perda. Ele se caracteriza por um estado de sofrimento gerado pela separação de laços afetivos, objetos ou pela morte (Arantes, 2024, p. 143). Assim, mesmo sendo uma condição inerente à vida, a experiência e o processo de elaboração do luto são únicos para cada indivíduo e podem ser complexos, pois cada pessoa vivencia essa situação segundo sua própria subjetividade.

Ainda no campo do cuidado, o luto antecipatório é um fenômeno vivido por pessoas que enfrentam a iminência da perda, tal experiência é diferente do luto após a morte, neste caso o ente querido ainda está vivo, entretanto a terminalidade já é anunciada, esse processo gera um grande sofrimento e angústia para os cuidadores, que precisam se deparar com a perda antecipada. Desse modo, o luto antecipatório é considerado como um processo de

elaboração antecipada da experiência da perda, um período de adaptação antes da morte, com reações semelhantes ao luto, um período de preparação para o pós luto (Magalhães; Daltro; Reis, 2023). Além disso, os cuidadores frequentemente experimentam sobrecarga emocional, solidão e impotência devido à ausência do ente querido. Os sentimentos variam entre o desejo pela morte do paciente para aliviar seu sofrimento e a esperança de que ele permaneça vivo (Magalhães; Daltro; Reis, 2023).

Nesse contexto, o luto antecipatório gera uma carga emocional significativa para os cuidadores ao lidar com as implicações da finitude sem ter meios para evitá-la. Como se trata de um luto antecipatório comum aos cuidadores, é frequente que estes sintam culpa pela possível perda, além de subestimar seus esforços realizados durante os cuidados prestados, muitas vezes acreditando que poderiam ter feito mais ou tomado decisões diferentes.

Kovács (2010) compreende a morte não apenas como um fenômeno biológico, mas como um acontecimento inerente à existência humana, afastando-se da perspectiva que a concebe como uma inimiga a ser vencida a qualquer custo. Para a autora, a finitude atravessa toda a existência, influenciando diretamente as relações humanas e os vínculos afetivos, ao mesmo tempo em que exige um processo contínuo de elaboração psíquica. No contexto do cuidado diante da finitude, Kovács (2010) destaca que o adoecimento mobiliza tanto o paciente quanto o cuidador, conduzindo-os à vivência de perdas graduais que antecedem a morte propriamente dita. Essa experiência aproxima-se do conceito de luto antecipatório, entendido como um processo vivenciado pelo paciente, por seus familiares e pelos cuidadores antes da morte efetiva. Tal processo demanda a resignificação dos vínculos construídos ao longo da vida e é marcado por intenso sofrimento emocional, frequentemente acompanhado por sentimentos ambivalentes.

Dessa forma, o cuidado ofertado diante da finitude, significa também lidar com a dimensão existencial da perda, exigindo dos cuidadores a elaboração não apenas da ausência futura, mas também a transformação dos vínculos no tempo presente, reconhecendo que a morte reorganiza relações (Kovács, 2010).

A partir da perspectiva fenomenológica, o luto não deve ser compreendido como um conjunto de sintomas ou fases universais, mas como uma experiência vivida. Trata-se de uma vivência existencial, que nasce da ruptura, da relação entre “eu-tu”, provocando uma transformação profunda na forma como o sujeito se relaciona com o mundo. Nesse cenário, não se perde apenas a pessoa querida, mas também o significado que essa pessoa traz, há uma ruptura da experiência do cuidador de ser e estar no mundo, e o mundo compartilhando com o outro perde o sentido (Freitas, 2013).

Assim, o luto não pode ser reduzido a uma sequência de estágios lineares, pois ele é sempre singular e depende da forma como cada sujeito vivencia a perda. Perder o outro, implica reorganizar toda a vida do enlutado, exigindo ressignificação dos sentidos e das relações que estruturam sua existência. Após a perda, o cuidador precisa reconstruir seu modo de ser no mundo, mesmo com a ausência do outro (Freitas, 2013).

Por fim, a clínica fenomenológica não tem como objetivo a superação do luto, mas a compreensão do sofrimento como uma expressão legítima da experiência da perda. Perder alguém, não se trata apenas da perda física, mas da transformação do campo existencial do enlutado. Segundo Freitas (2013), o luto e a finitude fazem parte da concepção de humanidade, por isso, lidar com essa experiência faz parte da existência do cuidador, e diante dessa possibilidade, o enlutado precisará reconstruir seu modo de existir após a ruptura do vínculo, integrando a perda e a ausência à sua história de vida.

4 Compreensão fenomenológica do cuidar: O cuidado como modo de ser

Sob a perspectiva fenomenológica, elementos como dor, sofrimento e finitude são considerados experiências essenciais da vida humana. Heidegger, na obra "Ser e Tempo", investiga a morte como um aspecto que revela a finitude do "ser-aí" e enfatiza a particularidade de cada pessoa ao encarar a verdade da própria vida (Areco, *et al*, 2025). Segundo Silva e Santos (2022), Heidegger descreve a palavra "fenomenologia" em duas partes: "fenômeno" e "logos", trazendo a nomeação sobre: "aquilo que se mostra em si", "o que é patente", "aquilo que aparece à consciência", e o conceito logos refere-se à "fala", ou seja, à "palavra".

Diante do exposto, compreender os significados atribuídos pelos cuidadores sob a perspectiva da fenomenologia existencial implica considerar aquilo que se torna consciente para o sujeito, bem como a forma pela qual este nomeia e interpreta o que lhe é revelado na experiência. Nesse sentido, ao vivenciar o contexto da finitude, o cuidador experiencia os fenômenos tais como se apresentam à sua consciência, atribuindo-lhes significado a partir de seus conhecimentos, experiências prévias, ações e atitudes. Dessa forma, a compreensão e a interpretação do fenômeno emergem da relação estabelecida entre o cuidador e a experiência vivida, constituindo o processo de significação da finitude no contexto do cuidado.

Nessa perspectiva, a fenomenologia refere-se a fazer ver o que é mostrado por si mesmo, sem julgamentos, o fenômeno é, então, desvelado pelo cuidador, através da sua própria experiência vivida. Desse modo, tal experiência é única e singular, alguns cuidadores

irão experienciar com dor e angústia, e outros como aprendizado e novos modos e formas de sentido (Cominetti, 2022).

Conforme Cominetti (2022), a partir da perspectiva de Heidegger, o encontro entre cuidador e sujeito cuidado se dá no âmbito do “ser-no-mundo-com-o-outro”, em que ambos compartilham a existência e estão implicados na mesma condição de finitude. Com isso, surge no cuidador a consciência de que ele é um “ser-para-morte”, ao reconhecer que o outro irá morrer, ele reconhece também a sua própria finitude, e essa aproximação com a finitude produz sentimentos diversos, como: tristeza, negação, esperança, ansiedade, barganha, aceitação e depressão (Braga, 2024). Desse modo, o cuidador experimenta vários sentimentos, ainda que ele ofereça cuidado, emerge nesse contexto uma sensação de solidão, ele vive uma solidão existencial, e desse modo se afasta de sua rede de cuidado, resultando em grande exaustão física e mental. A culpa surge como uma cobrança em sempre fazer mais ou pela percepção de estar fazendo menos do que deveria, é uma cobrança interna e intensa. Para alguns cuidadores, esse é o momento de lidar com sua angústia em saber da sua própria finitude, para outros, é uma possibilidade de viver mais intensamente a existência, valorizando os momentos e possibilidades que se apresentam (Santos, 2022).

A finitude afeta diretamente o cuidador, eles estão imersos em uma sobrecarga que é cada vez mais estressante, ocasionando um desgaste físico e mental, afetando diretamente sua qualidade de vida. Essa abordagem pode propiciar vários problemas de saúde, gerando tensões emocionais e físicas, além de irritabilidade, desconforto e dor. Um sofrimento que é experimentado nas dimensões sociais e existenciais do ser humano (Furtado, 2021).

A abordagem fenomenológica existencial permite compreender esse encontro entre o cuidador e o ente querido, diante da perspectiva da finitude, mediante o questionamento sobre o “ser-aí”, sobre a forma como o cuidador vive esse fenômeno e experiência, somente através dessa interação é possível construir novos modos de vida e novas formas de sentidos existenciais (Cominetti, 2022). Diante disso, pensar no cuidado integral implica considerar também a dimensão espiritual do cuidado. Nessa perspectiva, destaca-se a noção de autenticidade em Heidegger, compreendida, segundo Silva e Santos (2022), a partir da fenomenologia como o método que possibilita o acesso ao ente tal como ele se mostra em si mesmo, isto é, em sua autenticidade. Sob essa perspectiva, o cuidador é compreendido como um ser que pode existir em acordo com suas crenças, valores e percepção existencial, favorecendo o reconhecimento de seu lugar no mundo e a compreensão de seu próprio ser. Esse movimento contribui para a construção da paz interior e para uma vivência mais autêntica do cuidado. Portanto, para se obter a autenticidade, o “ser” precisa ser reconhecido

em sua singularidade, é necessário valorizar as práticas significativas para que o cuidador construa sentidos de ressignificação de sua experiência diante do cuidado e da finitude (Borge-Duarte, 2021, pág 19).

Assim, compreender o fenômeno do cuidar exige não apenas descrever suas manifestações, mas sustentar a abertura para aquilo que se mostra na experiência vivida, reconhecendo sua complexidade, singularidade e densidade existencial. Essa abordagem, ao incorporar as dimensões emocional, social e espiritual, contribui para a criação de práticas de cuidado mais éticas e humanizadas, que consideram tanto o sofrimento da pessoa cuidada quanto a existência de quem cuida.

5 Sentidos e ressignificações da experiência do cuidador no horizonte da finitude

O cuidado com as pessoas adoecidas, especialmente diante da terminalidade, exige um intenso investimento físico, emocional e principalmente psicológico. Os cuidadores familiares do ente dependente são os principais encarregados de suprir as necessidades básicas desse indivíduo. Hubert (2021) apresenta que os cuidadores, a fim de reduzir a sobrecarga e preservar a saúde física e mental, recorrem a estratégias como a participação em atividades sociais, acompanhamento terapêutico, práticas de meditação e religiosas, como orações, atividades manuais e, em alguns casos, o uso de substâncias como álcool, tabaco e drogas ilícitas.

A experiência espiritual desempenha um papel essencial na vida de muitas pessoas, contribuindo assim para sua ampliação e sustentação da visão de mundo. Ela serve como um orientador nas escolhas pessoais, individuais e coletivas diante de várias circunstâncias que possam ocorrer e é crucial na construção de sentidos e significados diante das experiências enfrentadas. A espiritualidade proporciona ao ser humano ir além do aspecto material e tangível de suas vivências, possibilitando uma visão mais profunda sobre sua identidade. Segundo Zanetti (2021), a espiritualidade constitui um dos principais campos relacionados ao cuidado, que teve uma mudança significativa desde o ano de 1984 no campo da saúde:

Em 1984, com a criação da OMS, o modelo biomédico vigente abriu espaço para que a saúde pudesse ser compreendida não apenas como a ausência de enfermidades mas como o bem estar físico, mental e social. E, como já citado anteriormente, graças a incontestável contribuição de Cicely Saunders ao que hoje conhecemos como Cuidados Paliativos que, nas formulações da OMS em 2002, o cuidado espiritual foi firmemente estabelecido como um dos quatro pilares, juntamente com o atendimento médico, psicológico e social. Iniciou-se, assim, uma nova era de

práticas, estudos e pesquisas sobre a assistência em saúde, onde a relação da saúde com a espiritualidade volta a vigorar na cultura ocidental.

O uso da espiritualidade como uma forma de lidar com os desafios da vida é um dos recursos pessoais mais comuns em todo o mundo. As convicções e lições que vêm de práticas espirituais, sejam vinculadas a uma religião ou não, são vistas como fontes de controle e adaptação diante de experiências traumáticas, tanto para quem sofre quanto para quem cuida. Assim sendo, a abertura para a espiritualidade pode auxiliar no alívio do sofrimento, possibilitando uma vida mais autêntica, proporcionando um autocuidado do cuidador sobre sua própria existência e finitude do outro. Experimentar as práticas e rituais espirituais alinhados com o conhecimento, valores, crenças e subjetividade do “ser-aí” pode contribuir para um novo sentido de conexão com a experiência da finitude, facilitando o encontro com a própria paz interior (Santos, 2022). No cuidado espiritual, é possível a participação ativa sobre temas existenciais, como o propósito da vida, a morte e o que vem depois.

Assim sendo, esses pensamentos meditantes e reflexivos permitem que o cuidador encontre novos significados e modos de existir diante da experiência vivida. O reconhecimento espiritual é indispensável, principalmente em momentos de experiências vulneráveis e fragilidades humanas, por isso, o cuidado, no sentido heideggeriano, não se limita ao físico, mas abrange o cuidado integral. Desse modo, tem-se a possibilidade de construir uma ponte entre o vazio existencial da finitude e a esperança da existência ainda presente (Santos, 2022).

Segundo Guedes (2020), a partir do conceito heideggeriano de *Mitsein* (ser-com-os-outros), a experiência do luto é compreendida como fenômeno que se dá na relação. Assim sendo, espaços de grupos terapêuticos são grandes potencializadores fenomenológicos, sendo um espaço de abertura de possibilidade onde o enlutado pode compartilhar sua experiência de perda, com outros que também vivenciam perdas, proporcionando reconhecimento mútuo do sofrimento, favorecendo a reconstrução de novos sentidos de existência e de modos de existir mediante a ausência do outro, sendo um grande processo de resignificação.

Dessa mesma forma, os enlutados também se utilizam de recursos artísticos e lúdicos, como: escrita, dança, música, desenho, cartas, entre outras possibilidades. Os recursos artísticos auxiliam na reinterpretação da perda. Tais expressões não são apenas representações, mas uma forma de revelar o sentido do ser, proporcionando uma mudança de perspectiva, estabelecendo uma comunicação que não pode ser dita em palavras. Nesse contexto, o enlutado encontra novas formas de lidar com o sofrimento, transformando a dor

em saudade, mesmo tendo a consciência de que sempre será um enlutado, e que a falta sempre estará presente (Freitas, 2013).

O autocuidado é um grande aliado nesse processo, a participação em atividades físicas, e práticas esportivas, favorecem um olhar para si mesmo, sendo uma chamada para a própria existência do enlutado, um convite para que ele viva a experiência do aqui agora, no momento presente, além é claro de possibilitar interações sociais, e construção de novos vínculos afetivos.

Diante disso, embora a morte seja uma condição universal, a experiência da finitude é singular. Cada enlutado utilizará estratégias diferentes para lidar com a perda, não se tratando de superá-la, mas de transformá-la. Trata-se de um processo que visa a transformação da dor em saudade, mesmo que a ausência sempre seja algo presente na vida de quem ficou.

Assim, cada sujeito utilizará de recursos próprios e subjetivos, como mencionado anteriormente, alguns irão recorrer ao autocuidado, outros ao uso de substâncias, espiritualidade, participação social, grupos terapêuticos, e expressões artísticas. Não existe uma forma linear e padrão, ou um manual descritivo. Cada enlutado é convocado a encontrar na sua própria maneira de ser no mundo, a melhor possibilidade de conviver com sua nova experiência, a de ser enlutado, não é algo dado a priori, assim como a vida é acontecimento, os sentidos e ressignificações também deverão ser construídos e criados na própria existência de ser.

6 Cuidar até o fim: A experiência vivida do cuidado e da perda em “As Três Filhas”

O filme “As três filhas” é dirigido e roteirizado por Azazel Jacobs, foi produzido em 2023 e lançado oficialmente em setembro de 2024 pela plataforma Netflix. Trata-se de um drama familiar que aborda, de maneira sensível e pessoal, as relações interpessoais diante da proximidade da morte. A narrativa acompanha três irmãs: Katie (Carrie Coon), Christina (Elizabeth Olsen) e Rachel (Natasha Lyonne), que se reúnem no apartamento do pai que se encontra em fim de vida. Com personalidades distintas, cada uma expressa diferentes modos de enfrentamento do sofrimento, evidenciando conflitos, fragilidades e tentativas de reconciliação. A trama se desenvolve a partir das vivências, emoções e desencontros entre elas. Embora o pai tenha um papel central, sua figura não é a de um protagonista ativo, ele tem um papel de referência em torno do qual as dinâmicas e os desafios enfrentados pelas filhas se articulam. Cada uma delas representa uma forma única de lidar com o sofrimento e a questão da mortalidade.

Tabela 1: análise das personagens filme

	Personagem: Katie (Carrie Coon)	É uma mãe controladora que vive no Brooklyn e enfrenta conflitos com sua filha adolescente rebelde, a irmã mais velha, apresenta uma postura marcada pelo controle e rigidez. Sua tendência a organizar e gerenciar a situação pode ser compreendida como uma tentativa de lidar com a angústia diante da perda, ainda que, para isso, recorra a uma expressão de raiva latente e a uma comunicação mais incisiva.
---	--	---

Tabela 2: análise das personagens filme

	Personagem: Christina (Elizabeth Olsen)	É a irmã mais nova e mais livre, frequentemente à beira das lágrimas e tentando manter a paz entre suas irmãs. Christina chega depois de um afastamento longo e carrega culpa, vontade de reparar e uma necessidade quase urgente de proximidade. Assume o papel de mediadora, buscando amenizar os conflitos familiares e preservar um ambiente de equilíbrio. No entanto, ao longo da narrativa, observa-se o desgaste dessa posição, à medida que suas próprias emoções emergem, revelando a dificuldade de sustentar uma postura conciliadora frente à intensidade do luto antecipatório e às demandas pessoais que também a atravessam.
--	--	---

Tabela 3: análise das personagens filme

	Personagem: Rachel (Natasha Lyonne)	Apresenta um estilo de vida mais instável e distante, nunca tendo saído da casa do pai e recorrendo ao uso de maconha como forma de escape, manifesta uma aparente indiferença, que pode ser interpretada como um mecanismo de defesa diante do sofrimento. Por ter assumido, de forma mais direta, o cuidado cotidiano do pai, sua experiência é marcada por sentimentos de sobrecarga, exclusão e reconhecimento insuficiente por parte das irmãs. Essa dinâmica contribui para a intensificação de sua vulnerabilidade emocional, que se expressa em momentos de ruptura e explosão afetiva ao longo da trama.
---	--	--

Fonte: elaborada pelas autoras, 2026.

O filme apresenta a experiência de três filhas diante da doença terminal do pai, Vincent, diagnosticado com câncer e em cuidados paliativos. Reunidas no apartamento paterno, em Nova York, as irmãs precisam lidar com a proximidade da perda e com a decisão do pai de não ser submetido à ressuscitação. Nesse contexto, surgem dúvidas, inseguranças, medos e tensões que revelam conflitos familiares previamente silenciados.

Uma equipe de cuidadores auxilia as três irmãs no acompanhamento do pai durante a fase terminal, com o objetivo de proporcionar conforto e reduzir o sofrimento associado ao processo de adoecimento. Angel (Rudy Galvan), responsável pela coordenação dessa equipe, ocupa uma posição central na dinâmica dos cuidados paliativos apresentados no filme. Sua atuação é atravessada por uma incerteza ética, pois, ao mesmo tempo em que busca assegurar conforto e dignidade ao paciente, adota uma postura realista diante da finitude da vida, sugerindo, em determinados momentos, uma aparente naturalização do processo de morrer, induzindo que ocorra a aceleração do processo de morte de Vincent. Angel, acompanha o quadro clínico e comunica às filhas a aproximação do desfecho da vida do pai. A partir desse anúncio, emergem dúvidas, incertezas, medos, frustrações e inseguranças por parte das filhas, que passam a lidar com a possibilidade do inesperado e do inimaginável.

Sendo assim, diante da notícia anunciada pelo cuidador do pai, as filhas passam a deixar de lado suas diferenças para enfrentarem juntas a finitude do pai, o que possibilita

momentos de reconciliação, expressão de vulnerabilidades e demonstrações de afeto entre elas. Nessa narrativa, a morte não se configura como o elemento central, mas sim a compreensão e análise da experiência humana de acompanhar o fim da existência de alguém amado. Portanto, ao vivenciarem a experiência da perda, as irmãs transformam e ressignificam a dor em esperança, ao relembra-rem, juntas, os momentos vividos com o pai.

Outro ponto relevante é que o filme desloca o foco do paciente para os cuidadores, mostrando que, embora o pai esteja no centro da situação, são as filhas que vivenciam o maior movimento emocional e existencial. Isso reforça a ideia de que o cuidado envolve não apenas quem está doente, mas também aqueles que acompanham o processo, sendo igualmente afetados pela finitude.

O enredo do filme, segundo Silveira (2024), pode ser relacionado ao pensamento heideggeriano, especialmente à noção de ser-para-a-morte. Para o autor, tal conceito não se restringe à morte biológica do corpo físico, mas refere-se à finitude como condição constitutiva da existência humana em suas múltiplas dimensões subjetivas e simbólicas. Nesse sentido, o conceito heideggeriano de ser-para-a-morte evidencia a morte como uma possibilidade estrutural da existência humana, que a atravessa e a constitui enquanto modo de ser.

Desse modo, ao lidarem com a finitude de um ente querido, as cuidadoras podem experimentar a consciência de sua própria finitude e, nesse encontro, emergem emoções como medo, angústia, frustração e insegurança. A compreensão de que tudo aquilo que é percebido pelos sentidos, em algum momento, deixará de existir, inclusive a própria experiência de existência, pode levar o cuidador a experimentar um sentimento de desamparo e vazio existencial. Contudo, segundo Silva (2021), a existência humana somente pode ser plenamente compreendida a partir de sua condição de finitude.

Assim sendo, para que o cuidador viva de forma autêntica, é necessário que este tenha consciência da finitude humana. Por isso, a morte é uma possibilidade humana, experiência essa que, cada cuidador deve viver de forma singular, permitindo assim, novas possibilidades de ressignificações e sentidos de existências. Diante disso, o filme apresenta o quanto a proximidade com a morte pode possibilitar uma existência mais autêntica, ao relacionar finitude, temporalidade e existência (Silva, 2021).

A obra se mostra especialmente relevante para analisar de forma concreta, as dimensões emocionais e existenciais implicadas no ato de cuidar. Ao longo da narrativa, é possível observar como o processo de adoecimento e a proximidade da morte mobilizam sentimentos confusos nas personagens, tais como medo, negação, angústia e afeto, revelando

a complexidade da experiência do cuidado no contexto familiar. Nesse sentido, o filme ilustra como a vivência da finitude não se restringe ao indivíduo em processo de morrer, mas também atravessa aqueles que o acompanham, impactando suas percepções, relações e modos de existir.

Conclui-se, portanto, que, segundo Guimarães (2021), a compreensão do morrer como fenômeno existencial, permite que a experiência da perda seja humanizada e integrada à vida, demonstrando que assumir a própria mortalidade não significa conformar-se, mas reconhecer a singularidade de cada existência. Dessa forma, a consciência da finitude também revela um espaço para reconciliações, fortalecimento de vínculos afetivos e presença genuína no cotidiano, além da valorização do aqui e agora.

7 Entre o tempo e o cuidado : Uma análise do documentário “O Tempo do Cuidar – Um filme sobre Cuidados Paliativos”.

“O Tempo de Cuidar – Um Filme sobre Cuidados Paliativos” é um documentário lançado em setembro de 2024, produzido pela Fiocruz (Canal Saúde). O filme aborda a humanização no tratamento de doenças incuráveis, focando na finitude, na rotina de pacientes e cuidadores, com apoio da equipe da Favela Compassiva.

Nesse contexto, o documentário que se encontra disponível em site e canais digitais, aborda a importância da prática do cuidado ao promover reflexões acerca da finitude humana, por meio de relatos e percepções de pessoas que convivem com doenças sem possibilidade de cura. Além de retratar a experiência dos pacientes, o filme também evidencia a rotina dos cuidadores que muitas vezes são familiares, além dos profissionais e especialistas, destacando os desafios, as emoções e as demandas envolvidas no ato de cuidar.

O espaço onde as histórias acontecem é fundamental, por isso, o hospital não se resume a um espaço de procedimentos e métodos, mas sim um como cenário de encontros humanos, escuta e cuidado. As casas e lares dos pacientes, se tornam um espaço não somente de convivência, mas um ambiente que revela memória, afeto e continuidade da vida, onde o cuidado se torna mais íntimo e personalizado, onde a relação se destaca em autenticidade.

O documentário apresenta várias histórias e contextos diferentes, expressando a experiência do adoecer como singular e subjetivo. Nesse sentido, os cuidadores são de extrema importância nesse documentário. Entre eles, uma das personagens marcante é Francisca Nascimento que vivencia a experiência da finitude do marido, o Senhor Raimundo que possui a condição de Alzheimer, e vive sob cuidados paliativos domiciliares, no Rio de

Janeiro. Em seu relato, ela afirma: “cuidados paliativos, eu entendo um pouco, é o cuidado de uma doença que não tem cura, para dá um conforto para pessoa viver melhor e não ter tanto sofrimento, nem para o doente e nem para família que cuida”.

Francisca narra a história do casal com alegria e gratidão, demonstrando viver essa experiência com esperança e autenticidade. Ela destaca a importância da equipe de cuidados paliativos, ressaltando o acolhimento recebido. Antes da chegada da equipe, relata sentir-se sozinha, responsável por todos os cuidados sem orientação. Após esse suporte, afirma ter conseguido lidar melhor com o processo de luto. Em um de seus depoimentos mais marcantes, expressa: “Eu estava no fundo do poço, e eles estenderam as mãos e me tiraram de lá de dentro, tem três anos que eles me apoiam, meu apoio é eles!”

Tabela 4: análise da participante do documentário

	Francisca Nascimento	Francisca relata, no documentário, sua trajetória de vida ao lado do marido, compartilhando memórias, detalhes de sua história pessoal e fotografias que evidenciam a proximidade e os vínculos construídos ao longo dos anos. Sua expressão sorridente ao narrar essas experiências, mesmo ao abordar situações marcadas pelo sofrimento e pela possibilidade da perda, demonstra que a experiência da finitude não se reduz à dor ou ao desamparo. Diante da consciência da morte, Francisca parece ressignificar sua vivência, encontrando novas formas de atribuir sentido à própria existência e à relação construída com o outro.
---	----------------------	---

Fonte: elaborada pelas autoras, 2026.

No que se refere aos profissionais, a médica Ana Cláudia Quintana se destaca ao apresentar uma perspectiva ampliada do cuidado. Logo no início do documentário, afirma: “As pessoas diziam no meu plantão que ninguém morre, no meu plantão ninguém sofre”. Sua fala evidencia a compreensão de um cuidado que vai além da morte, que expressa qualidade de vida, cuidado, bem-estar, e esperança para os pacientes e cuidadores. O documentário destaca a importância dos profissionais e o quanto eles marcam a vida das pessoas,

principalmente dos cuidadores e pacientes, pois é um tempo em que ambos buscam apoio e solidariedade, e muitas das vezes, são os profissionais que estarão nesse lugar de apoio, como enfatizou Dona Francisca.

A médica também problematiza uma postura passiva diante do sofrimento, defendendo que há sempre algo a ser feito. Nesse contexto, é mencionada a Casa do Cuidar, uma organização social sem fins lucrativos, que atua na prática e no ensino de Cuidados Paliativos, uma assistência integral para pacientes e familiares que estejam diante de uma doença grave que ameace a continuidade da vida. O atendimento a pacientes é gratuito e realizado em consultório ou em domicílio. Essa iniciativa representa um símbolo de uma prática ética, profundamente humana e compassiva, contribuindo para ampliar no Brasil a discussão sobre o direito de viver e morrer com dignidade.

O documentário propõe, assim, uma reflexão profunda sobre a finitude, o sofrimento e o sentido da existência. A obra ao abordar cuidados paliativos, enfatiza que essa experiência não se restringe ao fim da vida, mas desvela o significado do cuidar, este cuidado que é constituído de forma ética e sensível, compreendendo que, o ser continua sendo pessoa, mesmo diante de uma doença irreversível.

Na produção, a morte aparece não como uma dimensão de estratégia, mas também como uma possibilidade de autenticidade. Ao se deparar com o limite de tempo, com a finitude, os pacientes organizam-se para viver o que consideram prioridade, revisitam afetos e passam a valorizar o essencial. Os cuidadores, por sua vez, assumem uma postura de presença e disponibilidade, compreendendo que cuidar não significa apenas executar tarefas, mas envolver-se existencialmente com o outro.

Nesse sentido, os cuidadores familiares vivenciam sentimentos intensos e ambivalentes, como amor e cansaço, presença e medo da perda, dedicação e sofrimento silencioso. Assim, o cuidado se torna expressão concreta do vínculo humano e não uma obrigação. Portanto, o cuidado é vivenciado como uma experiência existencial que mobiliza o cuidador em sua totalidade, especialmente diante da finitude do paciente (Guedes, 2020).

Nesse processo, os cuidadores familiares vivenciam sentimentos intensos e ambivalentes, como amor e cansaço, presença e medo da perda, dedicação e sofrimento silencioso. Assim, o cuidado se torna expressão concreta do vínculo humano e não uma obrigação. Portanto, o cuidado é vivenciado como uma experiência existencial que mobiliza o cuidador em sua totalidade, especialmente diante da finitude do paciente (Guedes, 2020).

Diante disso, "O Tempo do Cuidar" expõe a subjetividade de cada ser, revelando que a experiência do cuidado e da finitude são singulares. Além disso, revela que mesmo diante do

contexto de fim da existência, ainda existe a possibilidade de desejo, desejo: de ser amado, ser ouvido e de continuar sendo reconhecido como sujeito de sua própria história. Nesse sentido, o cuidador mesmo que diante da finitude, deve considerar o outro não como fim, mas como existência, priorizando o viver no aqui e agora como fundamento da relação de cuidado.

Segundo Silveira (2024), no contexto dos cuidados paliativos, a temporalidade deixa de ser compreendida apenas como uma sucessão cronológica de dias, meses ou anos e passa a ser vivida como um tempo existencial, marcado pela consciência da finitude. Nesse sentido, ao dialogar com Heidegger, o autor destaca que o ser humano constitui-se como um “ser-para-a-morte”, isto é, uma existência permanentemente marcada pela possibilidade de não mais existir. Tal compreensão não implica necessariamente sofrimento ou desespero, mas pode favorecer uma relação mais autêntica com a própria existência. Conforme Silveira (2024), a morte é entendida como a “possibilidade da impossibilidade da existência”, uma condição que acompanha o ser humano durante toda a vida e não apenas no fim de vida.

No documentário “O Tempo do Cuidar”, a relação entre temporalidade e finitude torna-se evidente quando os participantes revisitam suas histórias de vida, reorganizam prioridades e atribuem novos significados às relações afetivas. O tempo restante deixa de ser compreendido pela quantidade de dias vividos e passa a ser valorizado pela qualidade das experiências compartilhadas. Nesse contexto, a consciência da morte possibilita uma abertura para aquilo que verdadeiramente importa, favorecendo encontros, despedidas, reconciliações e a expressão de sentimentos muitas vezes adiados ao longo da existência.

Assim, a temporalidade apresentada em “O Tempo do Cuidar” evidencia que o tempo da finitude não corresponde apenas ao tempo da perda, mas também ao tempo das possibilidades. Mesmo diante da proximidade da morte, os sujeitos permanecem projetando sentidos para suas vidas, fortalecendo vínculos e encontrando novas formas de existir. Desse modo, a finitude não representa unicamente um encerramento da existência, mas pode revelar novas maneiras de ser, de cuidar e de atribuir significado ao próprio viver.

Nesse cenário, a experiência do cuidador também é profundamente atravessada pela temporalidade. O tempo vivido deixa de ser compreendido em sua dimensão cronológica e linear para assumir um caráter existencial, marcado pela convivência constante com a finitude, pela antecipação da perda e pela ressignificação do presente no ato de cuidar. Sob essa perspectiva, passado, presente e futuro não se apresentam como instantes isolados, mas constituem uma unidade temporal. O passado manifesta-se nas memórias construídas ao longo da relação afetiva com o paciente, o presente impõe-se nas demandas contínuas do

cuidado cotidiano e o futuro é experimentado na expectativa, muitas vezes angustiante, da morte iminente.

De acordo com o que afirmam Vertelo e Silva (2024), a existência é passageira, pois todas as possibilidades humanas estão restritas pelo tempo. Essa limitação é que confere a cada decisão a sua singularidade e importância. Sendo o tempo finito, cada pessoa deve decidir como aproveitar sua vida. A vida é vista como um conjunto de oportunidades que, uma vez desperdiçadas, não se recuperam. Assim, a transitoriedade promove um compromisso ético com as escolhas pessoais, com os relacionamentos e com a concretização de valores.

Dessa forma, o cuidado ultrapassa uma tarefa meramente funcional e constitui-se como um modo de ser-no-mundo. O cuidador encontra-se existencial e afetivamente implicado na condição de finitude do outro, vivenciando transformações que alcançam sua própria maneira de existir. Conforme Guedes (2020), o ato de cuidar desperta múltiplos sentimentos e emoções, modificando profundamente o cotidiano e a experiência tanto de quem cuida quanto de quem recebe o cuidado. Nessa perspectiva, o cuidado manifesta-se como estrutura ontológica da existência, pois, ao cuidar do outro em sua finitude, o cuidador também se confronta com sua própria condição de ser-para-a-morte, reconhecendo-se como um ser temporal e finito.

8 Quem Cuida de Quem Cuida? Contribuições da Psicologia Fenomenológico Existencial para a experiência do Cuidado

No âmbito do cuidado, o papel do profissional de Psicologia fenomenológico-existencial não se reduz especialmente à instrumentos técnicos, além de ofertar uma escuta ativa, acolhendo o sofrimento do sujeito, busca-se uma postura clínica focada na compreensão da experiência vivida do sujeito. Nessa perspectiva, Santos e Sá (2011) , refletem que a atenção do profissional se dá na relação, na autonomia e na percepção de que a natureza humana é formada pelo cuidado (*Sorge*). O termo heideggeriano refere-se ao modo de ser relacional humano, ou seja, existência como ser-no-mundo, sempre em relação com os outros e com o espaço que está inserido.

Dessa forma, o psicólogo se configura como um ponto de acolhimento, buscando proporcionar um ambiente onde o sofrimento do indivíduo possa manifestar-se e ser entendido em sua profundidade existencial. Na relação com o outro, o profissional permitirá

ao sujeito ressignificar sua experiência e reconhecer suas próprias possibilidades de ser no mundo e ser com o outro diante da dor, da fragilidade e da finitude.

9 Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo geral compreender, a partir da perspectiva fenomenológico-existencial, os impactos emocionais da experiência da finitude na vida dos cuidadores. Ao longo das discussões teóricas e das análises do filme “As Três Filhas” e do documentário “O Tempo de Cuidar – Um Filme sobre Cuidados Paliativos”, foi possível evidenciar que o cuidado, especialmente diante da terminalidade, ultrapassa a dimensão técnica e instrumental, configurando-se como uma experiência existencial marcada pelo encontro com a vulnerabilidade, o sofrimento, os vínculos afetivos e a própria condição humana de ser finito.

Os resultados apontam que a proximidade da morte mobiliza sentimentos complexos e ambivalentes nos cuidadores, como medo, tristeza, culpa, angústia, exaustão e solidão. Entretanto, também possibilita movimentos de aproximação, reconciliação, fortalecimento de vínculos e construção de novos significados para a existência. Nesse sentido, a experiência da finitude não se apresenta apenas como cessação, mas como uma possibilidade de transformação dos modos de ser, sentir e relacionar-se com o mundo.

A partir da perspectiva fenomenológico-existencial, compreende-se que o cuidar diante da finitude não se reduz a uma tarefa ou função, mas constitui uma experiência profundamente humana que atravessa quem cuida e quem é cuidado. Ao se confrontar com a vulnerabilidade, o sofrimento e a possibilidade da perda, o cuidador também se encontra com sua própria condição de ser finito.

O cuidado se apresenta como uma abertura ao mundo, permitindo que o cuidador crie novos modos de existir e ser no mundo, compreendendo que a finitude é a condição fundamental para a atribuição do sentido ao existir, pois existir traz consigo várias possibilidades, e ter consciência disso, é o que permite uma vida vivível e autêntica. Assim, a fenomenologia contribui para compreender que a finitude não representa apenas um fim, mas, uma condição que constata a individualidade e o significado da vida humana. Cuidar, portanto, é ocupar essa condição junto ao outro, reconhecendo que, na fragilidade compartilhada, também se desvelam possibilidades de afeto, significado e humanidade.

Desse modo, é possível compreender que, na perspectiva de Heidegger, o cuidado diante a finitude constitui uma estrutura fundamental da existência humana, revelando o modo

de existir do cuidador, consigo mesmo, com os outros, e com aquilo que o cerca, inclusive com a própria finitude. Portanto, o ser-para-a-morte evidencia a possibilidade da autenticidade do ser, a finitude nesse contexto não se trata apenas de um evento biológico, mas uma possibilidade inevitável e intransferível da existência humana, uma experiência que todos irão experimentar.

À luz das discussões apresentadas, o cuidado revela-se na fenomenologia existencial como o próprio modo de existir do ser, em sua experiência de existência. Ao abarcar a possibilidade da finitude, o cuidador é convidado a confrontar sua própria finitude e existência, além de lidar com o luto antecipatório, e com a perda do outro. Portanto, ao se deparar com o tema do cuidado, deve-se construir a reflexão de que, cada cuidador irá lidar com a perda de uma forma única e singular, é preciso considerar cada subjetividade. Diante disso, a fenomenologia, busca construir um cuidado humanizado e sensível à própria condição humana, enquanto existência, contribuindo para que o próprio sujeito crie consciência da sua finitude, e a partir disso, se abra para as novas possibilidades de existir, e ser no mundo com os outros.

Referências

AMATUZZI, Mauro Martins. **Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica**. Estudos de Psicologia, 1996, Vol 13, nº 1,5 - 10 Disponível em:

<file:///C:/Users/home/Downloads/12244-Texto%20do%20Artigo-42183-42304-10-20240412.pdf>. Acesso em: 19 out. 2025.

ARANTES, Ana Cláudia Quintana. Cuidar até o fim. 1. ed. Rio de Janeiro: **Sextante**, 2024. 224 p.

ARECO, Felipe de Souza, *et al* (2025). Vida, finitude e o morrer: estudo fenomenológico sobre a morte com pacientes em cuidados paliativos. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, [S. l.], v. 13, n. 00, p. e025006, 2025. DOI:

[10.18554/refacs.v13i00.8263](https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/refacs/article/view/8263). Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/refacs/article/view/8263>. Acesso em: 26 out. 2025.

BARROS, Atila. A CRIAÇÃO HUMANA COMO RESPOSTA À FINITUDE. **Revista Tópicos**, v. 2, n. 13, 2024. ISSN: 2965-6672. Disponível em:

<https://zenodo.org/records/13756958>. Acesso em: 27 fev. 2026

BRAGA, Arnin Rommel Pinheiro. **Finitude e morte: o “ser-para-a-morte” de Heidegger como limite e horizonte da compreensão humana**. 2024. 201 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2024. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Disponível em:

<https://repositorio.ufpa.br/handle/2011/17157>. Acesso em: 27 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Plano Nacional de Saúde**. Brasília, 2025. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano_nacional_saude_pns_2024_2027.pdf. Acesso em: 27 fev. 2026.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Cuidar melhor e evitar a violência: **manual do cuidador da pessoa idosa**. Tomiko Born (Org.). Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2008. 331. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/pessoa-idosa/manual-do-cuidador-da-pessoa-idosa/view>. Acesso em: 15 de mar. 2026.

BORGES-DUARTE, Irene. "Cuidado e Afectividade em Heidegger e na análise existencial fenomenológica". Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: NAU Editora; Lisboa: Editora Documenta, 2021. 280 p. **Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 137–141, 2023. DOI: 10.48075/aoristo.v6i1.31573. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/aoristo/article/view/31573>. Acesso em: 15 mar. 2026.

COMINETTI, Geder Paulo Friedrich. A noção de cuidado em **Ser e Tempo**. **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 105-124, 2022. DOI: 10.12957/ek.2022.61322. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/Ekstasis/article/view/61322>. Acesso em: 27 out. 2025.

FREITAS, Joanneliese de Lucas. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 19, n. 1, p. 97–105, 2013. <https://doi.org/10.18065/RAG.2013v19n1.12>. Acesso em: 02 maio. 2026.

FURTADO, Márcio Roberto Malcher. A noção de angústia no pensamento de Martin Heidegger. **Revista Lumen**, [S.l.], v. 6, n. 11, p. 185-200, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.unifai.edu.br/index.php/lumen/article/view/185/0>. Acesso em: 27 out. 2025.

GUEDES, Alexandre. Temporalidade, sentido autêntico da existência e a questão da ontologia fundamental em Heidegger. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 219-236, dez. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302020000200015&lng=pt&nrm=iso. acessos em 12 jun. 2026.

GUIMARÃES, Deborah Moreira. DA FINITUDE À ANÁLISE EXISTENCIAL DO MORRER: A MORTE COMO FENÔMENO DA VIDA. **Revista Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, Goiânia, Brasil, v. 31, n. 1, p. 85–99, 2021. DOI: 10.18224/frag.v31i1.8585. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/8585>. Acesso em: 8 jun. 2026.

HUBERT, Kássia. **Cuidadores familiares de idosos dependentes no Brasil: vulnerabilidades e estratégias de enfrentamento**. 2021. 29 f. TCC (Graduação) - Curso de Fisioterapia, Universidade Federal de Santa Catarina, Araranguá, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/228737?show=full>. Acesso em: 20 out.2025.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Sofrimento da equipe de saúde no contexto hospitalar: cuidando do cuidador profissional**. O mundo da saúde, v. 34, n. 4, p. 420-429, 2010 Tradução. Disponível em: <https://doi.org/10.15343/0104-7809.20104420429>. Acesso em: 8 jun. 2026.

MAGALHÃES, Suzane Bandeira de, DALTRO, Mônica Ramos, REIS, Tatiele Santos dos. **A morte reconhecida: experiência de luto antecipatório de familiares de pacientes em final de vida**. SciELO Preprints, 2023. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.5548. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/5548>. Acesso em: 26 out. 2025.

SANTOS, Roseli Rodrigues dos. **Cuidado paliativo como um existencial: um modo humanizado de lidar com a morte e o morrer**. 2022. Monografia (Especialização em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/62172>. Acesso em: 27 out. 2025.

SANTOS, Danielle de Gois; SÁ, Roberto Novaes de. **A EXISTÊNCIA COMO “CUIDADO”: ELABORAÇÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE CLÍNICA PSICOTERAPÊUTICA**. Caderno de textos - IV Congresso de Fenomenologia da região Centro-Oeste - 19 – 21 de Setembro de 2011. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/306/o/ComunDanielaGois.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2026.

SILVA, Flávio de Oliveira; SANTOS, Fernando Manoel Bispo dos. O sentido de fenômeno e logos na concepção heideggeriana de fenomenologia. **Anãnsi: Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 134–150, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/anansi/article/view/12611>. Acesso em: 11 jun. 2026

SILVA, Thiago Delaíde da. QUE SENTIDO TEM O TEMPO PARA O SER? Temporalidade e finitude em "Ser e tempo" de Heidegger. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 12, n. 24, p. 418–433, 2021. DOI: 10.5752/P.2177-6342.2021v12n24p418-433. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/SapereAude/article/view/27300>. Acesso em: 7 jun. 2026.

SILVEIRA, André Luiz Ramalho da. Ser para a morte, possibilidade existencial e finitude da existência em ser e tempo. **Trans/Form/Ação**, Marília, SP, v. 47, n. 1, p. e0240071, 2024. DOI: 10.1590/0101-3173.2024.v47.n1.e0240071. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/14947>. Acesso em: 08 de Março. 2026.

VERTELO, Madalene Menezes; SILVA, Jefferson. **A transitoriedade e o sentido da morte à luz da Logoterapia e da Análise Existencial Frankliana**. Disponível em: <https://logoterapia.com.br/wp-content/uploads/2024/05/A-TRANSITORIEDADE-E-O-SENTIDO-DA-MORTE-A-LUZ-DA-LOGOTERAPIA-E-DA-ANALISE-EXISTENCIAL-FRANKLIANA.pdf>. Acesso em: 08 de Março. 2026.

ZANETTI, Amanda Carolina dos Santos. **Sendo assim, um ser-para-a-morte: vivências da espiritualidade de pacientes e familiares experienciando os Cuidados Paliativos em Oncologia**. 2021. 97 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8351/6/Disserta%c3%a7%c3%a3o_AmandaZanetti_PGPSI.pdf. Acesso em: 20 out.2025.